

**PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE MÍDIA E GÊNERO
ATRAVÉS DE HISTÓRIAS PESSOAIS:
O CASO BRASILEIRO**

Ana Carolina Ecosteguy*

RECIBIDO: 25 de enero de 2012

ACEPTADO: 30 de marzo de 2012

CORREO ELECTRÓNICO: carolad@puccrs.br

* Profesora del Programa de Posgrado em Comunicação de la Pontificia Universidad Católica del Rio Grander del Sur. Investigadora del Consejo Nacional de Desenvolvimento Científico y Tecnológico de Brasil.

PALAVRAS-CHAVE | mídia, relações de gênero, feminismo, histórias pessoais, Brasil.

PALABRAS CLAVE | medios, género, feminismo, historias personales, Brasil.

KEYWORDS | media, gender, feminism, personal histories, Brazil

RESUMO

Trata-se de identificar as relações entre estudos de gênero e estudos de mídia no Brasil através de três histórias pessoais, destacando-se o período do final dos anos 70 até a virada do milênio. Com esse objetivo, exploro duas entrevistas que revelam histórias pessoais de afinidades com a temática das relações de gênero, embora originalmente tenham sido realizadas com outros propósitos. Utilizo o meu próprio percurso como uma terceira história. Metodologicamente, esta proposta está inspirada na pesquisa de Brunsdon (2000). Conclui-se que no Brasil os vínculos entre os dois campos citados não estão consolidados e que uma das razões para tal é a singularidade na formação e legitimação do feminismo entre nós.

RESUMEN

El artículo trata de investigar la relación entre estudios de género y estudios de medios en Brasil a través de tres historias personales, en el periodo del final de los años 70 hasta la entrada del nuevo milenio. Utiliza dos entrevistas que fueron hechas con otro objetivo, pero que revelan afinidades con el tema propuesto. La tercera historia es mi propia trayectoria. Metodologicamente, está inspirado en el trabajo de Brunsdon (2000). La conclusión indica que en Brasil esos lazos entre estudios de género y medios no están consolidados debido al modo como el feminismo se desarrolló en aquel país.

ABSTRACT

This paper aims to identify the connections between gender studies and media studies, mainly in the period of the late 70's until the turn of the millennium, recovering personal histories. It considers two interviews which reveal affinities with this field of research, although they have been done with different purpose, and my own intellectual journey. Methodologically, it follows Brunsdon's (2000) work. It concludes that there isn't close ties between this two scholarships. A key reason for that it is the particularity of the feminism's development within Brazil.

Esta é uma retomada do tema das relações de gênero e a sua presença nos estudos de mídia no contexto brasileiro, já abordado em outros textos (por exemplo, Escosteguy, 2002 e 2004). Desta vez, cotejo o posicionamento de duas pesquisadoras vinculadas a tal problemática, Esther Hamburger e Heloisa Buarque de Almeida, com a minha própria posição. Inspirada no trabalho de Brunsdon (2000), eu exploro duas entrevistas com as autoras citadas que revelam histórias pessoais de afinidades com a temática das relações de gênero, embora originalmente elas tenham sido realizadas com outros propósitos. Para encerrar, indico brevemente quatro desdobramentos das relações entre crítica feminista e estudos de mídia no âmbito anglo-americano, apenas com o intuito de que fiquem evidentes as singularidades desse mesmo entrecruzamento no contexto brasileiro. Com o objetivo de arrazoar as particularidades desse (des)encontro entre nós, destaco, embora sumariamente, a formação e legitimação tanto do movimento quanto dos estudos feministas no Brasil no que diz respeito ao período das trajetórias em foco –final dos 70 até a virada do milênio.

A referência metodológica para a execução deste tipo de aproximação é o trabalho realizado por Charlotte Brunsdon (2000) que objetivou compreender o modo pelo qual a *soap opera* se transformou em objeto de estudo através da ação de pesquisadoras feministas. O método dessa história cultural foi constituído através da integração entre diferentes tipos de relatos –escritos (a produção intelectual de um conjunto de pesquisadoras) e orais (entrevistas com o conjunto de investigadoras, escolhido para tal). Isto é, a análise das fontes documentais foi tensionada, complementada e entretecida, mesmo que as entrevistas mereçam uma seção específica no livro *The Feminist, the Housewife and the Soap Opera* (Brunsdon, 2000), com os relatos das pesquisadoras que iniciaram sua trajetória intelectual interessando-se por esse produto da cultura popular. Brunsdon reforça que essas entrevistas são, sobretudo, “histórias pessoais”, embora versem exclusivamente sobre os percursos intelectuais das entrevistadas.

Aqui, recupero duas entrevistas realizadas por Clara Fernandes Meirelles (2009) e apresentadas na dissertação de mestrado, *Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos anglo-americanos e brasileiro*. Elas complementam esse estudo, dado que as entrevistadas são reconhecidas pesquisadoras brasileiras sobre o tema em foco. Mediante as lembranças das entrevistadas é reconstituída parte da história dos estudos sobre a telenovela no Brasil, bem como tal tema se vinculou à reflexão sobre as relações de gênero, o que pode ser entendido como em paralelo com o interesse pela *soap opera* e sua relação com a teoria feminista, existente entre as pesquisadoras entrevistadas por Charlotte Brunsdon (2000).

No que se refere ao meu percurso, aproveito a entrevista que concedi a Kumarini Silva (Silva; Escosteguy; Mendes; Gurumurthy, 2011) sobre a configuração de estudos feministas dedicados à mídia, no Brasil. Esta foi motivada pelo aniversário de dez anos da revista *Feminist Media Studies* quando sua equipe editorial organizou uma edição comemorativa que inclui duas entrevistas que abordam como os estudos feministas de mídia se desenvolveram em distintos quadrantes geográficos –Brasil e Índia. Esta é também uma oportunidade para revisar meu próprio trajeto, ainda em processo, à luz dos outros dois já indicados.

Ressalto, entretanto, que as observações apresentadas a seguir não têm a extensão nem a profundidade do trabalho de Brunsdon (2000). De um lado, porque não contemplam uma discussão aprofundada de fontes documentais, isto é, da produção intelectual das entrevistadas, de outro, porque não é nossa pretensão uma pesquisa do mesmo tipo da de Brunsdon (2000). Trata-se apenas de utilizar os relatos das autoras brasileiras já citadas para explorar um tema que não têm merecido a devida atenção no nosso meio e que, por essa razão, escassos são os registros documentais em circulação. Assim, essas narrativas são usadas para tentar apreender visões diferenciadas sobre os vínculos entre os estudos de mídia e a teoria feminista, revelando-se um material extremamente rico na direção de constituir uma reflexão a esse respeito.

CIÊNCIAS SOCIAIS E COMUNICAÇÃO: ÁREAS DE DISTINTA CIRCULAÇÃO DO FEMINISMO

Em primeiro lugar, considero importante identificar o lugar de fala de cada uma das pesquisadoras em destaque, atentando para a formação de cada uma e o respectivo período. Por sua vez, essa localização abre espaço para situar, também, como se desenvolvia o feminismo entre nós, principalmente, no que se refere à reflexão sobre a mulher ou, nos termos de Pinto (2003), o feminismo acadêmico. Sobretudo, através dessas últimas evidências, é possível detectar um descompasso entre o fortalecimento desses estudos nas ciências sociais e o espaço inexpressivo que ocuparam, pelo menos até o final dos anos 90, na comunicação.

Esther Hamburger é graduada em Ciências Sociais (1978-1982), tem mestrado em Sociologia (1998) e doutorado em Antropologia (1999). Heloisa Buarque de Almeida, também, é formada em Ciências Sociais (1985-1988), tem mestrado em Antropologia (1995) e doutorado em Ciências Sociais (2001). For fim, toda minha formação é na área da Comunicação, tendo realizado graduação entre 1979 e 1983, mestrado em 1993 e doutorado em 2000.

Se, por um lado, a tese de Heleith Saffioti, defendida em 1967, é considerada o marco de entrada do feminismo na academia brasileira, vai ser somente no final da década seguinte que os estudos sobre as mulheres, de fato, ganham expressão no espaço acadêmico. Segundo Pinto (2003), duas ações foram muito importantes na constituição dessa área de estudo. A primeira delas foi o incentivo da Fundação Carlos Chagas que contou com financiamento da Fundação Ford, de 1978 a 1998, para a pesquisa sobre a mulher. A segunda foi o papel que as associações nacionais de diversas

áreas do conhecimento exerceram, também, no estímulo de estudos acadêmicos sobre essa mesma temática.

Destaca-se que foi justamente a Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) que reúne a antropologia, a ciência política e a sociologia, grande área de formação tanto de Hamburger quanto de Almeida, a entidade que criou o primeiro grupo de trabalho dedicado ao estudo da mulher e o trabalho, em 1979, apenas dois anos após sua fundação. No entanto, a criação desse grupo implicou um embate na área, conforme relata Pinto (2003).

O campo das ciências sociais foi sempre muito resistente a esse tipo de estudo pelas mais diversas razões, desde as relacionadas com posturas teóricas que não reconheciam o objeto, passando pelo temor de que o grupo fosse apenas uma militância disfarçada, até o mais primário sexismo (Pinto, 2003: 88).

Quase vinte anos depois, em 1998, ele encerra suas atividades, não sendo mais acolhido entre os grupos de trabalho da associação¹ (Pinto, 2003: 87).

Já na Comunicação, foi dentro da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), fundada no mesmo ano da ANPOCS, 1977, que, em 1996, foi criado o grupo de trabalho Comunicação e Mulher. Este passa a se chamar, em 1998, de Comunicação e Relações de Gênero, denominação mais ampla e que seguia, segundo o relatório da própria coordenadora, Dulcilia Buittoni, a tendência das associações internacionais da área como a ICA (International Communication Association) e a IAMCR (International Association of Media Communication Research). Após um curto período de atividades, deixa de funcionar em 2000 quando passa a ser apenas uma subdivisão dentro do grupo de trabalho Comunicação e Cultura das Minorias.²

Comparando o que se passou nas ciências sociais com o que ocorreu na comunicação, notam-se distinções bem nítidas. Na primeira área, não há dúvida sobre a formação de um corpo notável de produção sobre a problemática em torno da mulher e das relações de gênero. Céli Regina Pinto, em *Uma história do feminismo no Brasil* (2003), referenda essa avaliação, detalhando inclusive os temas mais importantes (por exemplo, trabalho, saúde, aborto, sexualidade e violência). O mesmo não pode ser afirmado sobre a produção vinculada à comunicação. E a razão para tal não reside somente na efemeridade do grupo recém-mencionado.

Num inventário dos textos que circularam nas duas principais publicações feministas brasileiras, Revista de Estudos Feministas e Cadernos Pagu, que surgem respectivamente em 1992 e 1993, constata-se que essas publicações acadêmicas vão

¹ No encontro realizado em 2011 funcionou o Grupo de Trabalho Gênero, deslocamentos, militâncias e democracia, ver site da ANPOCS <http://www.anpocs.org.br>.

² Informações do relatório de Dulcilia Buittoni, apresentado, em 2000, à associação, e da Secretaria da Intercom, em 2011, obtidas mediante correspondência eletrônica com a direção da mesma. O GT Comunicação e Cultura das Minorias encerrou suas atividades em 2006.

escoar uma produção disciplinar muito variada (Sifuentes; Silveira; Oliveira, 2010 e Minella, 2004). Apesar dessa diversidade de enfoques disciplinares e teóricos, o mesmo mapeamento indica que os estudos de comunicação e mídia estão quase ausentes nessas publicações. O depoimento de Almeida (2009: 203) sobre a dificuldade de encontrar “material juntando gênero e mídia no Brasil”, no período de seu doutoramento, final dos 90, corrobora essa situação. Portanto, é possível pensar que tanto essa produção é escassa quanto necessita disputar espaço com outras áreas –principalmente sociologia, antropologia e educação– que já têm uma tradição consolidada sobre tal tema.

A repercussão disso nas trajetórias analisadas pode indicar que, no caso do único percurso associado ao campo da comunicação, este não se desenvolve com facilidade, pois parece existir certa trava na área em acolher as ideias feministas. No caso de Hamburger e Almeida, duas trajetórias que se constituem no âmbito das ciências sociais, a vinculação com o feminismo pode se desenrolar com mais naturalidade, pois era um debate corrente na área, embora os temas prioritários fossem outros –trabalho, violência doméstica, entre outros. De toda forma, as três trajetórias referendam a avaliação de Heloisa Buarque de Hollanda (2011) de que, na maior parte das vezes, o envolvimento com o tema das relações de gênero se deu em contato com bibliografia estrangeira. Mesmo Almeida (2009: 203) que realizou seu doutorado aqui no Brasil refere-se “a uma bibliografia sobre mídia que a Esther [Hamburger] havia trazido dos EUA” que foi “devorada”. E esse talvez seja outro motivo importante para a minguada repercussão do tema da vinculação entre crítica feminista e mídia no Brasil: a circulação restrita de bibliografia, sobretudo, em língua inglesa entre nós.

A PORTA DE ENTRADA: TELENVELA E RECEPÇÃO

Minha curiosidade pelos estudos de gênero foi despertada durante o estágio de doutorado-sanduiche, realizado na Universidade de Birmingham (Inglaterra), em 1998, sob orientação da professora Ann Gray. O contato inicial se deu via o texto “Learning from Experience: Cultural Studies and Feminism”, de autoria da própria Ann Gray (1997). Embora minha tese não tratasse sobre isso, organizei rapidamente uma bibliografia e publiquei meu primeiro texto sobre esse assunto apenas compilando vários artigos, principalmente, de autoras feministas (Escosteguy, 1998). Logo após meu doutoramento, o projeto de pesquisa que encampeei, intitulava-se “Os Estudos Culturais e a problemática da recepção: A categoria gênero em debate” (2001-2003), momento em que me transformei em pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A problemática da recepção, associada ao seu desenvolvimento dentro do âmbito dos estudos culturais, constituiu a motivação para o meu vínculo com as questões de gênero.

Na trajetória de Hamburger e Almeida a relação com questões em torno da problemática de gênero se dá inicialmente via a telenovela e a importância que ela adquire no contexto da sociedade brasileira. Todavia, ambas mencionam a problemática da recepção como um importante foco de interesse. Observo que no percurso da pesquisa de Hamburger, o tema da recepção é transversal, entretanto, no de Almeida, é central, constituindo-se propriamente em objeto empírico de estudo (Almeida, 2003).

No mestrado de Hamburger, a televisão já estava presente como um elemento que constituía seu objeto de estudo, centrado nos movimentos sociais urbanos. Ao pesquisar como as identidades desses movimentos se conformavam a partir de interlocuções com outros movimentos e instituições, a televisão aparecia como elemento importante nessa configuração (2009: 185).

Contudo, foi somente no doutorado, realizado em Chicago (Estados Unidos), que ela se torna o objeto central. Primeiro, a ideia era estudar a televisão norte-americana, mas devido principalmente as características do desenvolvimento da antropologia naquele contexto, essa ideia foi abandonada. Logo após, resolveu focar na televisão brasileira e especificamente na telenovela: “[...] a relação da novela com o conceito de nação ficou muito clara para mim quando eu estava nos EUA – não era quando eu estava no Brasil” (2009: 187).

Embora essa fosse uma problemática, em certa medida, presente na bibliografia nacional, o viés proposto era diferente. Não coincidia com o prisma vigente, isto é, a televisão e a telenovela como elementos de integração nacional, atendendo aos objetivos do governo militar. A questão era outra, isto é, tratar da telenovela como “uma arena onde se interpreta e se reinterpreta a nação [...]. A telenovela, esse folhetim feito para as mulheres, em horário nobre, nunca havia sido pensado nesse sentido” (Hamburger, 2009: 188). Esse é o mote de *O Brasil antenado* (Hamburger, 2005), originalmente escrito como sua tese de doutoramento. Daí para o envolvimento com questões referentes às relações de gênero, dado que as mulheres são o público-alvo das novelas, embora os homens também assistam a esse tipo de programa, como apontado por Hamburger, foi um passo.

Ao revisar a produção intelectual nacional sobre a telenovela, Hamburger identificou que esses estudos classificaram-na como conservadora, em termos de comportamento. Todavia, sob uma perspectiva histórica, argumenta a autora, as telenovelas foram mudando, por isso, é possível avaliá-las de outra maneira. Vale a pena citar sua análise diante da indagação de Meirelles sobre a vinculação da bibliografia estrangeira sobre o melodrama com o feminismo em contraste com o desenvolvimento na América Latina:

Acredito que o feminismo também foi importante aqui. O estudo da Ondina [Fachel, *A leitura social da novela das oito*, 1986], por exemplo, é influenciado por isso [movimentos feministas], principalmente. As pesquisadoras encontram na telenovela o conservadorismo, e mostram isso. Para elas, a telenovela reproduz as relações convencionais de gênero. A Jane Sarques analisa *Os Gigantes* [*A ideologia sexual dos Gigantes*, 1987], uma novela com uma protagonista que resolveu ser jornalista na Itália. A trajetória da personagem mostra a derrota de um modelo mais feminista, afinal, ela [a personagem] se suicida. A Sarques tem todas as evidências para falar que a novela é muito convencional e até antifeminista. Mas, vista sob perspectiva histórica, só o fato de legitimar esse modelo de mulher – mesmo que ao fim ela tenha morrido –, já é algo importante, pois se divulgou a existência desse tipo de mulher para o Brasil inteiro. [...] Acredito que havia sim essa motivação feminista nos primeiros estudos brasileiros

[...] mesmo que não seja um feminismo muito forte, mesmo porque era o início dos anos 1970 (Hamburger, 2009: 190).

Na contramão de diversas análises a respeito, inclusive algumas delas citadas pela própria autora (entre elas, Maria Rita Kehl e Ondina Fachel), e também das minhas observações sobre o tema (por exemplo, Escosteguy, 2002; Escosteguy; Messa, 2006), Hamburger é bastante positiva sobre a presença de uma diversidade de tipos femininos nas telenovelas brasileiras o que contribuiria para configurar uma representação mais plural da mulher.

Entretanto, estudo recente indica que

as telenovelas, ao longo do tempo, vêm quebrando tabus e veiculando diversas possibilidades para o feminino. Há personagens que são mulheres fortes, que possuem autonomia financeira e grande poder de decisão no ambiente profissional e doméstico, como Bete Gouveia [da novela *Passione* – Rede Globo, 2010]. No entanto, a desigualdade entre os gêneros não é questionada nas telenovelas. O ambiente doméstico, por exemplo, é reforçado como essencialmente feminino o que parece legitimar que a subordinação das mulheres é tratada nas tramas a partir da ‘natureza’ feminina e não como uma questão social (Ronsini e Silva, 2011: 12).

Desse modo, embora a posição de Hamburger seja pertinente, o questionamento que se faz é outro: o que significa realizar uma análise da telenovela do ponto de vista feminista? De modo genérico, pode-se dizer que implica numa reivindicação pela transformação da condição da mulher na sociedade brasileira.

Se, por um lado, é incontestável a produção acadêmica de mulheres feministas a respeito de temas relacionados à mulher, de outro, o interesse específico por temáticas relacionadas à mídia e sua vinculação com questões de gênero ainda é tímido. Somente a partir dos anos 2000 esse enfoque vem ganhando algum fôlego.³ Ao contrário do encontro entre crítica feminista e estudos de mídia que aconteceu no contexto anglo-americano, aqui, essas respectivas linhagens traçaram trajetórias paralelas com uma fraca confluência.

Claro que essa singularidade deve ser vista em relação ao desenvolvimento do movimento feminista no Brasil. Aqui, na virada para a década de 70, o feminismo amalgamou um paradoxo: ao mesmo tempo em que se organizava em defesa da especificidade da condição da mulher, estabelecia uma profunda ligação com a luta contra a ditadura militar. Isto desembocou num tensionamento permanente entre dois pólos: aquele associado às lutas que davam ênfase à sexualidade, ao corpo e ao prazer versus aquele outro que priorizava a luta de classes e/ou a luta pela democracia. No

³ É o que mostra o levantamento elaborado por Escosteguy e Messa (2006) de 2000-2002 e as indicações de novas pesquisas realizadas a partir dessa data de Ronsini e Silva (2011).

período da redemocratização, a forte participação política das feministas, aliadas aos partidos políticos e aos setores progressistas da Igreja, fez com que muitas vezes se priorizasse metas coletivas em detrimento dos direitos individuais das mulheres (PINTO, 2003). Com isso o que se quer salientar é a singularidade tanto do movimento feminista entre nós quanto da conjuntura sociopolítica o que, de algum modo, também contribuiu para que temas referentes à cultura não fossem priorizados no horizonte da reflexão feminista.

Esses dois períodos –o feminismo na ditadura e na redemocratização– coincidem aproximadamente com o momento em que a crítica feminista se vincula aos estudos de mídia, mais especificamente com os estudos culturais, no contexto britânico (Brunsdon, 1997). Um período inicial pode ser identificado nos anos 70 quando os primeiros estudos expressam uma posição de equivalência entre feminismo e mulheres, isto é, nós todas, mulheres, sofremos com o patriarcado e, portanto, vivemos experiências em comum. Esse é um posicionamento que expressa um discurso de afirmação da condição de ser mulher. No Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS – Inglaterra) uma das primeiras produções que se enquadra nessa direção é o volume *Images of Women* (1974) onde se teoriza fundamentalmente a subordinação das mulheres ao sistema capitalista.⁴ Um pouco mais tarde é organizada a coletânea *Women take issue* (1978), saudada como a produção pioneira do Grupo de Estudos da Mulher, fundado em 1974 dentro do CCCS.

Em meados de 80 até o início dos 90, configura-se uma nova etapa entre a crítica feminista e os estudos culturais que se instituiu mediante a fratura desse discurso de homogeneidade em torno das mulheres. O livro *Feminism for girls* (1981), organizado por McRobbie e McCabe, ao utilizar o termo “meninas” dá a largada para a percepção da existência de uma diferença dentro largo espectro que abarca as mulheres. Ao mesmo tempo, se reconhece que existem outras diferenciações: a mulher-pesquisadora-feminista e militante se distingue da outra mulher, aquela comum e ordinária que não está engajada no movimento feminista. É nesse momento que aparecem os primeiros estudos onde as mulheres-pesquisadoras assumem seu próprio prazer em relação aos objetos estudados, tais como o romance popular de massa e as *soap operas*.

A SAÍDA: RECOMPOSIÇÃO DE UM IDEÁRIO PARA A CRÍTICA FEMINISTA

Esses desdobramentos das relações entre feminismo e seu interesse pela mídia no contexto britânico, nos anos 70/80, revelam o esforço realizado, principalmente, por um grupo de feministas para incorporar ao debate teórico, sobretudo, centrado em torno do conceito de classe social, a dimensão de gênero. Na sistematização de Brunsdon (1997), na década de 90 vive-se a popularização do feminismo. O que também pode ser observado entre nós:

Se, por um lado, a década de 90 não foi especialmente propícia à expansão dos movimentos sociais, havendo mesmo um retraimento da maioria deles, por outro nela foram criadas as condições para que suas demandas

⁴ Para um detalhamento das produções feministas do CCCS, ver Scofield (2008) e Escosteguy (1998).

fossem incorporadas por largas parcelas dos discursos públicos. Isso ocorre tanto no hemisfério norte como em países como o Brasil (Pinto, 2003: 92).


Ao longo dos anos 90 um terceiro período nas relações entre crítica feminista e estudos de mídia pode ser notado. No contexto anglo-americano, uma variedade de elementos na constituição da condição feminina deve ser levado em conta. As dinâmicas de classe, raça/etnia e geração sugerem a impossibilidade de elaborar narrativas onde os sujeitos sejam vistos apenas ocupando uma posição de gênero. Há o reconhecimento de que qualquer ponto de vista feminista obrigatoriamente deve ser apresentado como parcial porque, embora as mulheres possam compartilhar interesses comuns, esses não são universais. Isto está em oposição àquele discurso feminista que até um determinado momento apelava para a opressão comum sofrida pelas mulheres, existindo um chamado pela unidade que apagava as diferenças entre mulheres. Esta, também, é uma etapa de autocrítica na teoria feminista.

E é nessa mesma década que Heloisa Buarque de Almeida passa a prestar atenção para as diferenças entre as experiências de homens e mulheres em relação ao cinema, questão que apareceu na sua pesquisa de campo quando concluía seu mestrado. No entanto, transforma-se propriamente em temática central no seu doutoramento. Ao participar de uma pesquisa de campo na cidade de Montes Claros (Minas Gerais), no momento em que a novela do horário nobre era *O Rei do Gado* (GLOBO, 1996/1997) que dramatizava a traição do herói pela sua mulher, “a questão de gênero [...] vai aparecendo em campo a partir do que a novela coloca e pelo que a minha figura representava, ao mesmo tempo. Continuei fazendo amizade com as mulheres, virei confidente, e elas foram me contando coisas de suas vidas e isso virou tema de pesquisa para mim” (Almeida, 2009: 203). A experiência “de gênero” foi tão forte que se transformou numa seção específica sobre a prática etnográfica na sua tese.

Ou seja, no percurso de Almeida há diversas circunstâncias –a pesquisa de campo, a novela do período, a moral do lugar que ela estava investigando– que em conjunto contribuíram para que ela se dedicasse propriamente ao tema das relações de gênero no doutorado. Contudo, reconhece que, para estudar mídia e gênero, duas áreas com extensas bibliografias, “é preciso que você seja um pesquisador aplicado para juntar as duas coisas” (Almeida, 2009: 204).

O final da sua pesquisa coincide com a virada do milênio, sendo que a publicação com o resultado da investigação do seu doutorado é publicada em 2002 –*Telenovela, consumo e gênero*. E “a virada do século tem sido marcada por uma pergunta que também acompanhou a maior parte da década de 1990: o feminismo acabou?” (Pinto, 2003: 91).

Identificado nessa virada um quarto e último desdobramento nas relações entre crítica feminista e estudos de mídia, vale a pena recuperar a voz de Angela McRobbie, pesquisadora que desde a década de 70 investiga questões ligadas ao tema, situada no âmbito do feminismo e dos estudos culturais. Conforme essa autora, a cultura midiática efetiva um apagamento do feminismo, quando dissemina a ideia de que o feminismo é

algo datado e não tem mais função. Através de textos prazerosos e bem-humorados que contraditoriamente se filiam a valores neoconservadores em relação ao gênero e se integram a processos de caráter mais liberador, as relações de poder são feitas e refeitas, construindo um “novo regime de gênero” (McRobbie, 2008). Portanto, a porta continua aberta para que a trajetória da crítica feminista recomponha seu objeto de estudo, dando a merecida atenção à mídia, sobretudo, entre nós, onde tal laço ainda não se consolidou. 

REFERÊNCIAS

- Almeida, Heloisa Buarque de (2003). *Telenovela, consumo e gênero: "muitas mais coisas"*. EDUSC, Bauru.
- _____. (2009). Entrevista com Heloisa Buarque de Almeida. In Meirelles, Clara Fernandes (2009). *Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos*. Dissertação de mestrado, Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, pp. 196-212.
- Brunsdon, Charlotte (2000). *The Feminist, the Housewife and the Soap Opera*. Claredon, Londres.
- _____. (1997). "Identity in Feminist Television Criticism." In Brunsdon, C; D'Acci, J. e Spigel, L. (orgs) *Feminist Television Criticism*. Londres, Sage.
- Escosteguy, Ana Carolina (1998). "A contribuição do olhar feminista." *Revista InTexto* (3), Porto Alegre, pp. 1-11.
- _____. (2002). "Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias." *Ciberlegenda* (7), Rio de Janeiro.
- _____. (2004). "Latin American Media Reception Studies: Notes on the Meaning of gender and research methodologies." *Famecos*, vol. 24, pp. 46-54.
- _____. (org.) (2008). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa* [recurso eletrônico]. EDIPUCRS, Porto Alegre.
- Escosteguy, Ana Carolina e Márcia Messa (2006). "Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação." *Revista Contemporânea*, vol. 4, pp. 65-82, Salvador.
- Gray, Ann (1997). "Learning from Experience: Cultural Studies and Feminism." In McGuigan (org.) *Cultural Methodologies*. Sage, Londres.

Hamburger, Esther (2009). Entrevista com Esther Hamburger. In Meirelles, Clara Fernandes (2009). *Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos*. Dissertação de mestrado, Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, pp. 184-195.

_____ (2005). *O Brasil antenado*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

Hollanda, Heloisa Buarque de (2011) "Os estudos de gênero e a mágica da globalização." Acessado em: www.heloisabuarquedehollanda.com.br, em 11/11/2011.

McRobbie, Angela (2008). *The Aftermath of Feminism*. Londres, Sage.

Meirelles, Clara Fernandes (2009) *Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos*. Dissertação de mestrado, Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Minella, Luzinete Simões (2004). "A contribuição da Revista Estudos Feministas para o Debate sobre Gênero e Feminismo." *Estudos Feministas*, vol. 12, pp. 223-234. Acessado em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/10275/9521>.

Pinto, Celi Regina Jardim (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

Ronsini, Veneza e Renata Córdova da Silva (2011). "Mulheres e telenovela: A recepção pela perspectiva das relações de gênero." *Ecompós*, pp. 1-16.

Scofield, Thereza Helena Prates (2008). "Mídia e mulheres: um percurso compartilhado no território dos estudos culturais." *Lumina*, vol. 2 (1), pp. 1-13.

Sifuentes, Lirian, Bruna Rocha Silveira e Janaina Cruz Oliveira (2010). "Mídia e Relações de Gênero nas Publicações Feministas." Trabalho apresentado na Intercom, 2010, Caxias do Sul, Brazil. Acessado em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1135-1.pdf>.

Silva, Kumarini, Ana C. Escosteguy, K. Mendes e Anita Gurumurthy (2011). "Negotiating the Local/Global in Feminist Media Studies: Conversations with Ana Carolina Escosteguy and Anita Gurumurthy." *Feminist Media Studies*, vol. 11, pp. 139-149.